



Quando Fernando Pessoa morreu, com 47 anos de idade, no início da noite de Sábado, 30 de Novembro de 1935, no hospital de São Luís dos Franceses, em Lisboa, deixou como herança intelectual 5 opúsculos publicados em vida – **35 Sonnets** (1918)¹; **Antinous** (1918)²; **English Poems** (1921)³; **O Interregno: defesa e justificação da ditadura militar em Portugal** (1928)⁴; **Mensagem** (1934)⁵ –, um razoável número de colaborações em periódicos⁶, e uma arca com

¹ Lisbon : Monteiro & Co., 1918. Disponível na Biblioteca Nacional Digital, em <http://purl.pt/13963>.

² Lisbon : Monteiro & Co., 1918. Disponível na Biblioteca Nacional Digital, em <http://purl.pt/13961>.

³ Lisbon : Olisipo, 1918. Disponível na Biblioteca Nacional Digital, em <http://purl.pt/13967>.

⁴ Lisboa : Núcleo de Acção Nacional, 1928. Disponível na Biblioteca Nacional Digital, em <http://purl.pt/13962>. Este texto deu origem a toda uma série de especulações relativas ao posicionamento do autor em relação à Ditadura Militar instaurada em 1926. Numa ficha autobiográfica, datada de 30 de Março de 1935 (disponível em <http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/index.php?id=2246>), Fernando Pessoa escreve: “O folheto «O Interregno», publicado em 1928, e constituído por uma defesa da Ditadura Militar em Portugal, deve ser considerado como não existente. Há que rever tudo isso e talvez que repudiar muito.” Aliás, a mesma nota esclarece sobre o seu posicionamento político: “Considera que o sistema monárquico seria o mais próprio para uma nação organicamente imperial como é Portugal. Considera, ao mesmo tempo, a Monarquia completamente inviável em Portugal. Por isso, a haver um plebiscito entre regimes, votaria, embora com pena, pela República. Conservador do estilo inglês, isto é, liberdade dentro do conservantismo, e absolutamente anti-reaccionário.”

⁵ Lisboa : Parceria A. M. Pereira, 1934. O livro recebeu, no ano seguinte, o 2.º lugar no prémio do Secretariado de Propaganda Nacional, na categoria de Poesia. Disponível na Biblioteca Nacional Digital, em <http://purl.pt/13966>.

⁶ Entre outros, destaquem-se: **A Águia: revista quinzenal ilustrada de literatura e crítica** (1910-1932), editada no Porto, inicialmente dirigida por Álvaro Pinto, e na qual começa a colaborar em 1912, com uma série de 3 artigos sobre «A Nova Poesia Portuguesa» (disponível na Biblioteca Nacional Digital, em <http://purl.pt/12152>); **Orpheu: revista trimestral de literatura** (1915), que dirige juntamente com Mário de Sá-Carneiro, contando com António Ferro como editor literário. A este projeto estavam também associados Almada Negreiros e Santa-Rita Pintor. Foram apenas publicados 2 números. Nesta revista publicou a peça de teatro *O Marinheiro*, os poemas de *Chuva Oblíqua* e, como Álvaro de Campos, os poemas *Opiário*, *Ode Triunfal* e *Ode Marítima*. Em 1994, a *Orpheu* foi alvo de uma 2.ª edição fac-similada (Lisboa : Contexto, 1994), que inclui as provas de página de um 3.º número, anunciado mas nunca publicado, com sete poemas ortónimos e o longo poema *Para Além Doutro Oceano*, assinado por C. Pacheco (que tem neste título a sua única aparição); **Portugal Futurista** (1917), fundada e dirigida por Carlos Filipe Porfírio, e da qual se publicou apenas 1 número, em 1917. Nesta revista, considerada por alguns críticos como a herdeira da *Orpheu* e o seu real 3.º número, publica o *Ultimatum* de Álvaro de Campos, também publicado em separata, disponível na Biblioteca Nacional Digital, em <http://purl.pt/17263>; **Athena: revista de arte** (1924-1925), que dirige juntamente com Rui Vaz, e da qual se publicaram 5 números. Aqui publica pela primeira vez Ricardo Reis e Alberto Caeiro; **Contemporânea** (1922-1926), dirigida por José Pacheco, com Agostinho Fernandes e Guerra Junqueiro como editores literários. Aqui publica o poema ortónimo *O Menino de sua Mãe*. Disponível na Hemeroteca Digital, em <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/CONTEMPORANEA/Contemporanea.htm>; **Sudoeste: cadernos de Almada Negreiros** (1935), da qual se publicaram apenas 3 números, disponíveis na Hemeroteca Digital, em <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Sudoeste/Sudoeste.htm>. Aqui publicou o poema ortónimo *Conselho*, e a *Nota ao acaso*, de Álvaro de Campos, exemplo do intrincado jogo de relações heteronímicas, ao terminar com a frase: “O meu mestre Caeiro foi o único poeta inteiramente sincero do mundo.”

mais de 27.000 manuscritos inéditos⁷ que somente o estudo exaustivo de gerações de investigadores pessoanos tem vindo a pôr a descoberto, revelando progressivamente a genialidade e assombrosa diversidade temática e estética dos seus textos. A vasta obra deixada inédita só começaria a ser editada em 1942⁸, consagrando-o postumamente, daí em diante, como um dos nomes maiores da literatura universal.

A sua biografia é – quando confrontada com a sua obra – decepcionante. Depois de uma juventude passada em Durban, onde o seu padrasto foi colocado como cônsul – e pela qual veio a dominar o idioma inglês quase como se fosse a sua língua materna –, Fernando Pessoa estabeleceu-se definitivamente em Lisboa em 1905. E Lisboa foi o seu universo nos 30 anos seguintes. Profissionalmente, nunca se realizou, nem tampouco alcançou a estabilidade económica. A respeito da sua ocupação profissional, Pessoa escreve:

“A designação mais própria será «tradutor», a mais exacta a de «correspondente estrangeiro em casas comerciais». O ser poeta e escritor não constitui profissão, mas vocação.”⁹

Mega Ferreira, no seu estudo *Fazer pela Vida : um retrato de Fernando Pessoa, o empreendedor*¹⁰, revela uma personalidade em ebulição, com constantes projetos – entre eles o de uma casa editorial – que nunca conheceram viabilidade.¹¹

Emocionalmente, apenas se conhece na sua vida a presença de Ofélia Queirós, 12 anos mais nova. Com ela manteve uma relação de contornos pouco claros, aparentemente um *coup de foudre* nascido da primeira troca de olhares, em 1919, e que conhecemos hoje através de uma intensa comunicação epistolar. “Todas as cartas de amor são ridículas”, afirmaria o autor pela mão de Álvaro de Campos, e as de *Nininho-Fernando* e *Terrível Bebé-Ofélia* não o seriam menos, aceitemo-las nós como manifestações de um amor real, ou como peças de um jogo intelectual.¹²

⁷ Hoje à guarda da Biblioteca Nacional de Portugal.

⁸ Por iniciativa de Adolfo Casais Monteiro, responsável pela selecção e nota introdutória. [Lisboa] : Confluência, imp. 1942, em dois volumes, integrados na colecção “Antologia de autores portugueses e estrangeiros”. O 1.º volume (de escassas 96 páginas) compreendia a obra ortónima; o 2.º (de 94 páginas), textos de Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis. No mesmo ano, a Ática editava a poesia de Fernando Pessoa, num volume de 265 páginas, dando início à colecção “Obras Completas de Fernando Pessoa”, continuada pela Poesia de Álvaro de Campos (em 1944), as *Odes* de Ricardo Reis (em 1945) e a Poesia de Alberto Caeiro (em 1946). O *Livro do Dessassossego* apenas viria a ser publicado (também pela Ática) em 1982, em 2 volumes, numa leitura, transcrição e primeira fixação do texto da responsabilidade de Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha.

⁹ Cf. Nota autobiográfica de 30 de Março de 1935, já citada.

¹⁰ Lisboa : Assírio & Alvim, 2005.

¹¹ A revista *Orpheu*, por exemplo, com editora própria, foi mantida com o investimento do pai seu co-director, Mário de Sá Carneiro. O projeto não resistiu à interrupção deste “mecenato involuntário”, como o designa Sá Carneiro em carta escrita a Pessoa em 13 de Setembro de 1915.

¹² O namoro decorreu em duas fases, com um intervalo quase 9 anos. Na primeira carta de rutura, datada de 29 de Novembro de 1920, Pessoa advoga que o seu “destino pertence a outra Lei, de cuja existencia a Ophelinha nem sabe, e está subordinado cada vez mais á obediência a Mestres

Social e culturalmente, Fernando Pessoa estava bem integrado na elite intelectual do seu tempo, participando em animadas tertúlias nos cafés de Lisboa, onde seria frequente apanhá-lo em “flagrante delíto”. O Martinho da Arcada e a Brasileira do Chiado são hoje dois pontos incontornáveis do roteiro pessoano.

Entre os seus amigos conhecemos nomes como Almada Negreiros, Adolfo Casais Monteiro, Mário de Sá-Carneiro, António Botto. Por todos eles, o talento literário de Pessoa era reconhecido. Com eles, participou nos mais importantes movimentos de vanguarda dos inícios do século XX. Atento às novidades do exterior, foi responsável pela introdução de autores no mercado editorial português: um caso paradigmático foi a primeira tradução para português do poema “The Raven”, de Edgar Allan Poe (em 1924).

Com profundo interesse por questões relacionadas com o misticismo e as artes divinatórias, dedicou-se à astrologia, quiromancia, grafologia, caracterologia, e participou em sessões mediúnicas. De todas estas práticas existem testemunhos no seu vastíssimo espólio (apenas em parte publicados¹³), assim como fica comprovado este interesse pela presença de bibliografia especializada na sua biblioteca pessoal. Biblioteca que, pela óbvia natureza enciclopédica, espelha um Fernando Pessoa-leitor com interesses diversos. Aplicado o esquema de classificação biblioteconómico à parte da biblioteca mantida na Casa Fernando Pessoa (que constitui o núcleo central da coleção original, e que se encontra hoje acessível em linha no endereço <http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/bdigital/index/index.htm>) constata-se uma assinalável harmonia na distribuição temática dos cerca de 1200 títulos: 52 na classe de Generalidades; 174 na classe de Filosofia e Psicologia; 76 na classe de Religião e Teologia; 94 na classe das Ciências Sociais, Administração e Direito; 33 na classe das Ciências Naturais e Matemática; 15 na classe das Ciências Aplicadas, Tecnologia e Medicina; 13 na classe das Artes, Recreação e Desporto; 664 na classe da Linguística, Filologia e Literatura; 77 na classe da Geografia, História e Biografia.

Biblioteca de trabalho, esta, profusamente sublinhada, anotada, comentada, que lhe deu as ferramentas e a matéria que explicam a profunda universalidade, profundidade e contemporaneidade da sua escrita, a capacidade de escrever sobre tudo – épocas, temas, lugares, pessoas –, em todos os registos literários – poesia, teatro, conto, ensaio, crítica.

que não permitem nem perdoam”. O reencontro dá-se em 1929, e a troca epistolar retoma, embora já sem o ritmo diário e o entusiasmo mútuo que marcaram o início da relação: Fernando Pessoa terá “arrefecido” mais cedo, o que se reflete numa maior intelectualização e contenção nas suas missivas. Acresce a “ingerência” de Álvaro de Campos, desaprovador da relação. As cartas de amor trocadas entre Fernando Pessoa e Ofélia Queirós foram pela primeira vez reunidas num único volume em 2012, em edição da Assírio & Alvim. Até aí, eram editadas separadamente: as cartas de Fernando Pessoa, desde 1978, pela Ática; as cartas de Ofélia, desde 1996, pela Assírio & Alvim.

¹³ Consulte-se o volume *Escritos autobiográficos, automáticos e de reflexão pessoal*, editado pela Assírio & Alvim.

Biblioteca de um homem que se agigantou pelo que leu e assimilou, ainda que sobre leitura tenha ousado escrever: "a literatura propriamente dita quase abandonei. Podia lê-la por aprendizagem ou por prazer. Mas não tenho nada a aprender, e o prazer que se obtém dos livros é de um género que pode ser substituído com proveito pelo que o contacto com a natureza e a observação da vida me podem proporcionar directamente".¹⁴

Extremadamente crítico da sociedade portuguesa – em artigos como *O caso mental português*; *A crise central da nacionalidade portuguesa*; *Análise da vida mental portuguesa* – Pessoa foi também intensamente crítico de si mesmo, revelando nos seus textos claros sintomas de frustração. Em redor de si, criou uma constelação de personagens. Aos 3 principais, os heterónimos definidos na carta que escreveu ao seu amigo Adolfo Casais Monteiro, no ano da sua morte – Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis – há que acrescentar dezenas de figuras ficcionais¹⁵, cada qual ocupando um lugar específico e predeterminado no universo literário (mas também com impacto no universo real) de Pessoa: Alexander Search, inglês, o poeta gótico desde os tempos de Durban; António Mora, o ensaísta de assuntos filosóficos e herméticos; Jean Seul, francês; Bernardo Soares, “guarda-livros”, autor d’*O Livro do Desassossego*, provavelmente o conjunto de textos mais autobiográficos de Pessoa ... ou mesmo Chevalier de Pas, amigo imaginário dos seus primeiros anos, com o qual trocava cartas imaginárias.

Para alguns investigadores, este artifício não serviu para mais do que para superar a insatisfação face à banalidade da vida real. Para outros (para ele próprio) é clara consequência de um distúrbio psicológico:

“Passo agora a responder à sua pergunta sobre a génese dos meus heterónimos. Vou ver se consigo responder-lhe completamente. Começo pela parte psiquiátrica. A origem dos meus heterónimos é o fundo traço de histeria que existe em mim. Não sei se sou simplesmente histérico, se sou, mais propriamente, um histero-neurasténico. Tendo para esta segunda hipótese, porque há em mim fenómenos de abulia que a histeria, propriamente dita, não enquadra no registo dos seus sintomas. Seja como for, a origem mental dos meus heterónimos está na minha tendência orgânica e constante para a despersonalização e para a simulação. Estes fenómenos - felizmente para mim e para os outros - mentalizaram-se em mim; quero dizer, não se manifestam na minha vida prática, exterior e de contacto com outros; fazem explosão para dentro e vivo-os eu a sós comigo. Se eu fosse mulher - na mulher os fenómenos histéricos rompem em ataques e cousas parecidas - cada poema de Álvaro de Campos (o mais histericamente histérico de mim) seria um alarme para a vizinhança. Mas sou homem - e nos homens a

¹⁴ *Prosa íntima e de autoconhecimento*. Lisboa : Assírio & Alvim, 2007.

¹⁵ Em 1990, Teresa Rita Lopes (in *Pessoa por Conhecer*. Lisboa: Estampa, 1990) fixava em 72 o número de personagens fictícias e heterónimos.

histeria assume principalmente aspectos mentais; assim tudo acaba em silêncio e poesia...”¹⁶

Para outros, este desdobramento reflete a genialidade de Pessoa, um homem tão grande que teria inevitavelmente que ser plural, “plural como o Universo”.¹⁷

Lisboa, 7 de Junho de 2013

João Carlos Oliveira

¹⁶ Carta de Fernando Pessoa a Adolfo Casais Monteiro, datada de 13 de Janeiro de 1935, publicada na revista *Presença*, n.º 49, 1937.

¹⁷ Fernando Pessoa, *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*. Lisboa : Ática, 1966.